

27 - 9 - 1540



27 - 9 - 1940





*Dr. Paulo Martins de Souza Ramos, Interventor Federal*



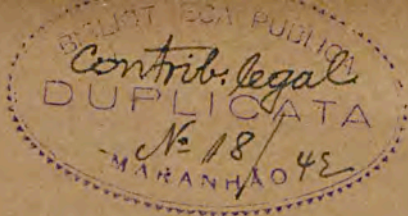
- 981031  
M311c

**Resumo das Festas comemorativas, no  
Maranhão, do quarto Centenario dos Je-  
suitas no Brasil.**

**Sessão realizada no Litero Recreativo  
Portuguez**







Encerrando a sessão, o Exmo. Snr. Dr. Paulo Ramos, Interventor Federal, com a facilidade que lhe permitem a palavra vibrante e reconhecidos dotes oratórios, produziu magnifico improviso, que, em súmula, foi o seguinte:

Começou S. Excia. assegurando seu desvanecimento em associar-se, como brasileiro e como governante, ás merecidas homenagens que todo o país prestava na passagem do 4.º centenário da fundação da Companhia de Jesus. Merecidas e devidas, afirmou, porque em boa justiça devemos reconhecer e proclamar desassombradamente que o Brasil no período colonial progrediu e adiantou-se principalmente conduzido pela mão carinhosa e amiga e pelos conselhos dos padres jesuítas.

Disse que eles possuíam, como nenhuns outros colonisadores e catequistas, o dom da autoridade e prodigiosa capacidade de domínio que, desde os albôres de seu apostolado no Brasil, constituíram sinal de predestinação, mais tarde transformado em auréola de benevolência.

Relembrando o esforço e o valôr da grande obra dêsses missionários, S. Excia. destacou especialmente a conquista, desbravamento e expansão do território pátrio e, muito particularmente, os serviços prestados á capitania do Maranhão, cujas fronteiras ocidentais dilataram e fixaram com a fundação de aldeamentos e missões no alto Amazonas e seus afluentes.

Referiu-se ás perseguições e aos motins suscitados por ambiciosos escravistas, elemento de fermentação que, uzando falsos e caluniosos pretextos, empres-

taram contágio e provocaram o deflagrar da paixão coletiva que culminou com a expulsão dos jesuítas.

Acentuou S. Excia. o papel dos padres da Companhia como mestres e como historiadores no relato dos feitos mais importantes do nosso passado e que hoje constituem cabedal e motivo de orgulho da posteridade.

E finalizou enaltecendo o preito de consagração nacional que se prestava á memória de obreiros humildes, porém valorosos na construção desta grande pátria, que hoje os está a relembrar e cobrir de louvores e de provas de reconhecimento, apesar da modéstia que sempre cultivaram em fugir a honras, homenagens e dons do mundo.

S. Excia. discorreu brilhantemente e recebeu ao terminar do seu formoso discurso uma prolongada salva de palmas.



Mons. Felipe Condurú Pacheco



Ilmo. e Exmo. Sr. Interventor Federal.  
Ilmo. e Revmo. Sr. Pe. Superior dos Revmos.  
Padres Jesuitas.  
Exmas. Autoridades.  
Colendo Auditorio.

Quando, em todo o Universo, se celebra o 4.<sup>o</sup> Centenário da Fundação da Companhia de Jesus, de modo

algun podia a Diocese de S. Luiz do Maranhão deixar de congratular-se com a festiva rememoração de evento assim tão soberanamente auspicioso para a Santa Igreja de Deus.

E congratular-se, meus Senhores, é — não só — cumprimentar, apresentar parabens, desejar felicidades — mas, ainda — dar graças, testemunhar reconhecimento, hipotecar sincera amizade por beneficios recebidos e inolvidados. Tudo isso intenta fazer agora o Arcebispo da Capital Maranhense, embora singela e laconicamente e, até por intermedio do apagado orgam supletivo da sua Arquiepiscopal Autoridade.

Mas, felicitar o bemfeitor por mercês, outróra e mesmo agora, dispensadas — é mister que não exige de quem o desempenha — senão uns tantos graus de entendimento — e um coração capaz de pulsar ao brando sopro da gratidão. Por isso, comparece a esta brilhante assembléa a quasi trisecular Igreja Luizina. Cumpre, jubilosa, o seu dever.

— Não sei, Senhores, si sobre alguém impenda tão justamente o onus irrefugivel e suave de agradecer, como toca esse nobre encargo ao Maranhão catolico com respeito á Companhia de Jesus. Os discipulos de S. Inacio de Loyola — quais providentes e carinhosas mães — erigiram, dos seus mais ricos tesouros, a preciosa séde, na qual havia de assentar-se após o próprio Anjo da Diocese de S. Luiz. Ornaram-lhe, em seguida, a hierarquica fronte juvenil com o mais fulgido diadema, aconchegando-a ainda, enquanto vida estiveram ao calor do seu cólo amigo e maternal.

Três anos apenas depois da fundação da Cidade em 8 de setembro de 1612, com a capituação dos francêses, aqui se estabelecem os padres jesuitas Manoel Gomes e Diogo Nunes, os quais consomem laboriosos anos na catequese dos selvicolas. Sucedem-se, então, uns após outros, os sequazes do grande asceta de Manrêsa na assis-



tencia material e espiritual aos aborígenes da nossa Ilha, até á criação canonica do Bispado, em 30 de agosto de 1677.

A quando da sua expulsão, por se dedicarem á Santa Sé e aos Indios do Brasil, um alvará regio, de 11 de junho de 1761, designa a sua igreja de Nossa Senhora da Luz, para Catedral, e o seu collegio contiguo, para Palacio Episcopal (Cf. "Historia Ecclesiastica do Maranhão", por D. Francisco de Paula e Silva, á pag. 135). São esses os mesmos predios que ainda ali se encontram, ora apenas remodelados.

Desse fato, embora material e permitido pela contingencia historica, decorre uma das razões da nossa dívida de gratidão para com a Companhia de Jesus.

Outro motivo, porém, Senhores, e mais imperioso, deve impelir a querida Igreja Maranhense a formar no esplendido cortejo que hoje conduz o carro triunfal de Santo Inacio de Loyola.

Assim como da grande Patria, foram os Jesuitas os verdadeiros plasmadores, os educadores natos do Maranhão catolico dos seculos 17 e 18. Legando-nos as suas mais grandiosas construções entre nós, edificaram-nos, ainda mais gloriosos monumentos, ensinando-nos a culta, vibrante e poetica lingua que falamos e revestindo-nos do brilhante e invulneravel broquel da perfeita Fé que — autenticos cristãos — nós professamos. Nem esta imensa porção da America seria um só Brasil, nem o nosso Estado um Maranhão verdadeiramente brasileiro, si não fôra a ação decidida, luminosa e forte dos Inacianos, enquanto lhes permitiu Portugal viver entre nós.

Irradiadores de intensa luz e propulsores de calor e vida — tivemos-os sobre todos os milicianos da aguerida e indefesa Companhia de Jesus. Si entregues só a eles, os aborígenes maranhenses hoje se desdobrariam em milhões de cidadãos — modelos de patriotas e catolicos exemplares.



Sirva-nos de comprovante e paradigma essa figura majestosa e unida do orador e apóstolo, filósofo e diplomata, asceta e sabio consumado, que tudo isso e muito mais soube ser e admiravelmente o padre Antonio Vieira — servo e defensor do filho desta gleba — “o seu gentio amado” — que lhe escutou o verbo salutar dos seus ensinamentos. — “Meteóro caído dos rutilos espaços... caudal que esconde os seus possantes braços... tal — Vieira — despresando o hino da homenagem que lhe cantava aos pés a fama universal, para arriscar o peito á frecha do selvagem e abrir também caminho ao laboar imortal!” — conforme o havia de cantar um dia a inspirada e saudosissima poetisa baiana Amelia Rodrigues.

E', pois, a Diocese de S. Luiz — e disse se gloria — criação do espirito e do coração dos discipulos do heróico cavaleiro basco que, ha quatro seculos, ordenava em linha de batalha o seu indefectivel exercito, armado á senha da Sta. Igreja Romana. Por isso, esta terra, ainda quente dos seus suores, orvalhada das suas lagrimas e, até, embebida do seu sangue, hoje vibra de santo contentamento, confiando novamente viver do seu verbo inspirado e do seu edificante exemplo.

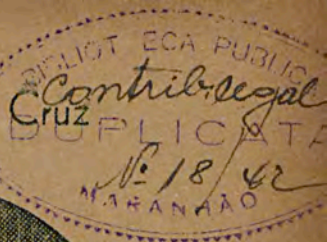
Senhores! Afirmam-nos cronistas do veneravel Pe. José de Anchieta que, á sua voz profetica e ao taumaturgo aceno seu, baixavam da lucida amplidão a lhe proporcionar e a seus companheiros benefica, confortadora sombra, entre os ardores da canicula esbraseada nuvens de graças alvissimas e de mui rubros guarás. A' sua ordem humildes prostravam-se feras e rapinas e se aplaivava, docil, quedo, o proprio mar irado e tormentoso.

Companheiros e filhos espirituais de seus irmãos — o Clero e os fieis da Sta. Igreja no Maranhão — agradecidos se prosternam perante o Eterno Pastor, recordando as figuras gloriosas dos primeiros pais e pioneiros da sua legitima civilização cristã. E lhe suplicam —

ao Senhor da Messe — que mande para a sua seára nã  
terra maranhense — nova, refulgente, santificadora  
“companhia” de militantes e dirigentes para Jesus, toda  
cla, da tempera do ouro das estrelas e refundida nos  
moldes dos Vieiras, Malagridas e Anchietas. Candidos e  
olentes como lírios, esbrasados de amor — quais rubidos  
sóis a irradiar fulgores — á maneira exemplar dos seus  
maiores — domem as feras das paixões e subjuguem as  
mesmas ondas frementes das vaidades mundanais,  
suave e luminosamente a nos encaminhar até ao porto  
de onde se fica extático a contemplar de perto o Verda-  
deiro Sol da Eterna Vida !



Conego Arias de Almeida



Jovens de minha terra, manhã festiva da mocidade em ascensão triunfal para o pleno meio dia de uma apoteose que, do vertice da honra, da cultura e do trabalho, entornará sobre a fronte augusta da Patria, as mais copiosas e escolhidas bençãos; esperanças do Maranhão e do Brasil, ouvi.

O contrerraneo que tem, nesta concentração, inspirada pela justiça, o doce privilegio de vos falar, falavos pelo coração, que não se pode praticar com a juventude sem ter na mão o proprio musculo vital e,

dentro dele, em estremeções generosas, de otimismo é bondade, o coração deles, os moços, de toda a gente simpatizados e queridos, pois lhes compete receber, em dias porvindoiros, das mãos dos veteranos que a idade desarma, como para cederem o campo á ansiedade pacificamente guerreira de outros heróis, compete-lhes receber os destinos da terra-berço, com a incumbencia de lhe conservarem e enriquecerem ainda mais o valioso patrimonio que um passado, sem eclipses, indescontinua-damente conquistou.

E a prova tangivel e incontrovertida do alto conceito em que tendes, mocidade, a roupeta do inaciano, conceito que responde, nos rigores da mais exata fidelidade, aos imperativos do testemunho historico, é a vossa affluencia a este local, ora transbordante de graça e entusiasmo juvenis, para glorificar, num preito panoramico, a toda a Companhia, na pessoa de um dos seus mais lidimos expoentes, de um dos seus mais preclaros representantes, o qual tão fartamente se cobriu de extranhos meritos que, na hipotese absurda de serem autenticos os requintes de iniquidade atribuidos ao sodalicio, Vieira, somente Vieira contaria, no seu ativo, peculio em oiro, e do melhor, não em quilos mas ás toneladas, para resgatar todas essas dividas, ficando, ainda, a cavaleiro do perigo de ver desfalcada a maravilhosa opulencia em que, pelo genio e pela virtude, se extremou.

Aqui estais, meus amigos, para render o culto da vossa intelligencia e do vosso espirito, do vosso cerebro, insaciavel na aquisição dos conhecimentos uteis, e do vosso carater, talhado na rocha viva do Evangelho, aqui estais — e como conforta fixar em vós o olhar ! — para, num gesto superior, que bem define a vossa personalidade, aplaudirdes o nosso, mais nosso do que de ninguém, Pe. Antonio Vieira.

E onde nos concentramos ? Calculadamente e



muito de caso pensado nos reunimos na praça fronteira á igreja de Santo Antonio, igreja de merecido renome, onde elle, o Crisostomo portuguez, proferiu o inimitavel, porque unico, na eloquencia e na originalidade, sermão aos peixes, igreja que tem como padroeiro o Santo mais popular do mundo, conterraneo e onomastico do jesuita em comovida evocação.

Num e noutro, quer no que foi cognominado de "arca do Novo Testamento", quer no que se chamou "assombro do seculo e honra eterna da Igreja Católica", tiveram indubitavelmente, o pulpito e a cathedra profana modelos impereciveis de arte e sabedoria, associadas em monumentos de inalteravel beleza, em que se realçarão, pelos seculos em fóra, os dotes da Verdade eterna.

Não partireis daqui, porém, almas juvenis, ditosamente escravas dessa inquietude que se gera no esforço de um vôo continuado para o ideal, sem ouvir, para mais vos consolidardes na estima do immortal defensor dos nossos selvicolas, o que a respeito de sua individualidade, com esse porte e atrevimento de gigante, aqui e ali, externaram vultos reconhecida competencia e raro brilho na esfera da intellectualidade tanto no Velho como no Novo Mundo.

Amanhã, um de vós, em sessão solene, comemorativa da passagem do 4.º Centenario da Companhia de Jesus, sessão a realizar-se no edificio do Gremio Litero-Recreativo, dirá, no seu e no vosso nome, da admiração e reconhecimento da juventude maranhense á memoria daqueles que, si foram os cabouqueiros imperterritos da nacionalidade, foram, antes de tudo, amigos e sacrificados apostolos do Maranhão.

Sim, os que, apenas chegados a estas plagas, ao lado da ermida da Senhora da Luz, ergueram o collegio que tinha de espargir, do mesmo passo, os fulgores da instrução e da formação moral entre os filhos dos portuguezes e dos aborigenes, tais pioneiros do ensino, no

ambiente desta glôba predestinada, não podiam, não deviam e, em hipotese alguma, haviam de ser esquecidos pela delicadeza de consciencia, cristã e patriótica, dos briçosos estudantes da Atenas Brasileira.

Recorramos ao farto manancial do “Vieira-Pregador”, soberba antologia, em que o zelo e o talento do Pe. Gonzaga Cabral, tomado de verdadeira paixão pela obra vieiriana, coligiu o que de mais fino e encommiastico já brotou de penas autorizadas no tocante ao sacerdote que preferiu, desinteressado e piedoso, á côrte de D. João IV as florestas virgens do Maranhão, que deu as costas á diplomacia nas suntuosas metropoles europeias para vir catequizar os nossos indigenas, para vir falar de Deus aos idolatras que, sob o imperio do absolutismo antropofago, infestavam estas regiões.

Abra a serie de panegiristas o Pe. André de Barros: “Proponho, diz êle, ao Mundo um dos maiores homens de Portugal, e proponho a Portugal o maior homem que em muitas idades êle deu ao Mundo”.

Siga-se Sebastião da Rocha Pita: “O seu talento foi maior que o seu nome, com o qual voou por ambos os hemisferios a fama, levada pela sua pena”.

Cabe a vez a Ferdinand Dinis: “Vieira passa, com justiça, por um dos maiores prosadores de Portugal, si não é o primeiro”.

D. Augusto Eduardo Nunes, arcebispo de Evora, dispensa-lhe este tratamento: “Um dos mais habéis diplomatas, um dos melhores cidadãos, um dos mais virtuosos sacerdotes, um dos mais ardentes conquistadores de almas, um dos mais nobres caracteres, uma das maiores almas, e — para dizer tudo em menos palavras, valendo-me das que lhe aplica um critico insuspeito de favor — “um dos varões mais benemeritos de nossa patria”.

Ouçá-se, em quarto lugar, o juízo franco de Latino Coelho: “O Pe. Antonio Vieira aparece como figura



principal em todas as ocasiões e em todos os lugares em que se pede contra a arrogancia castelhana um coração verdadeiramente português, um espirito fertil e inventivo, um animo aventureiro e resolutivo, um conselho prudente e moderado".

Vai manifestar-se Rebelo da Silva: "O idioma patrio tornou-se em suas mãos um instrumento docil, poderoso, irresistivel".

Faça-se ouvir a voz do nosso João Lisbôa: "Homem singular e extraordinario, escritor eloquente e soberbamente inspirado..."

O testemunho de Fausto Barreto e Carlos de Laet resume-se nestes termos: "Como orador sagrado atinge universal nomeada, e aos Brasileiro simpaticamente se recomenda como propugnador da liberdade dos Indios e eloquente adversario da invasão holandêsa".

Camilo Castelo Branco não é dos menos ardorosos admiradores do insigne jesuita, por isso o celebra no ritmo desta linguagem: "As opulencias que Vieira aditou á prosa constituiram o idioma português no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado em comunhão de ciencias com a Europa... O seu modo de adjectivar é irrepreensivel, a propriedade do epiteto é nelle tão original que não a podemos derivar de Camões nem de Barros".

Não nos privemos de conhecer a opinião de Eça de Queiroz: "Os seus magnificos sermões arrebatavam tanto a gente inculta do Brasil, como encantavam em Roma o sabio e requintado mundo dos prelados romanos. A sua fama estendeu-se por toda a Europa".

Satisfaça-nos a curiosidade o talento verbal de Alves Mendes: "Grande Padre!" chamavam os inocentes indios do Brasil ao seu generoso mestre; e, tão grande que, até hoje, em terras portuguezas, nenhum outro se lhe avantajou na universalidade da grandeza".

Por fim, Sena Freitas. cujo centenario de nasci-

mento os lusos, com ufanía, acabam de festejar: "Glorioso sacerdote, exemplo sublime do genio, de talento, de saber, de zelo, de dedicação, de actividade e de patriotismo, qualidades que sobrenadam e resistem através da historia".

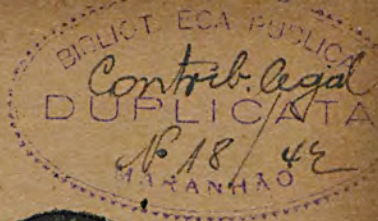
E estais satisfeita, ó nobre classe estudantal maranhense, de ouvir justos preconicios ao vosso homenageado na poesia ideal desta tarde.

Não é, porém, com estas citações que vou encerrar o meu discurso, e, sim, com uma definição, a mais singela possível e, entretanto, para mim e para vós, a mais expressiva e a mais grata ao nosso coração de maranhenses. Haveis de concordar comigo em que a mais eloquente e completa definição que um maranhense póde dar de Vieira é que foi elle o maior amigo do Maranhão.

Rapazes, viva o maior amigo do Maranhão ! Viva o Padre Antonio Vieira !



Padre Alfredo Costa



Exmo. Snr. Dr. Paulo Ramos, Dignissimo Interventor Federal.

Exmo. Revmo. Mons. Felipe Condurú, Governador do Arcebispado.

Exmas Autoridades civis e militares.

Exma. Comissão promotora desta homenagem. Senhoras, Senhores.

Deve-vos neste momento a Companhia de Jesus o máximo de sua gratidão por esta homenagem, sincera, amiga, neste seu 4.º centenário de sua existência.

Em nenhuma parte do mundo, estou certo, este centenário foi celebrado como no Brasil.

Governo, antigos alunos, centros culturais, todos se reuniram para mostrar à Companhia o seu afeto e reconhecimento.

Nem outra coisa era de esperar pois que o Brasil sempre se mostrou reconhecido e o mostrou nos momentos mais criticos e aflitivos dos seus primeiros mestres.

Baste relembrar a maneira como recebeu os jesuitas, apesar das recomendações em contrario de Afonso Costa, após a revolução de Portugal em 1910.

Uma comissão lhes comunicou que podem desembarcar no Rio, e é um maranhense que lhes leva esta nova e os acompanha ao Externato S. Inacio — Dr. Candido Mendes de Almeida.

A Companhia, por sua vez, imbuida no espirito de S. Inacio, que não só a manda ser, mas, lhe traça as normas dessa gratidão, trabalha com denôdo na obra da educação da Juventude Brasileira, nos seus colégios, verdadeiros repositórios de sacrificios; trabalha na formação da elite do seu clero, no colégio brasileiro em Roma e vai trabalhar na formação dos seus homens de ação na Universidade Catolica que será dirigida pela Companhia. — Disto tenho comunicação official.

Como filho dessa Ordem Religiosa, agradeço as homenagens prestadas pelo Maranhão, fazendo ardentos votos pela prosperidade sempre crescente deste opulento Estado e do seu nobre Governo.



## Des. Leopoldino Lisboa



Foi ao tempo da luta religiosa que a Igreja católica teve de sustentar no século XVI contra idéas reformistas, que a Divina Providencia inspirou ao fidalgo e ardoroso soldado Inácio de Loiola a organização da Companhia de Jesus, como falange de defensores da fé e propagadoras intransigentes, entre pagãos, heréticos e menos esclarecidos, da doutrina integral pregada por Jesus Cristo.

E fazem precisamente 4 séculos que a bula "Regimini militantis Ecclesiae", do pontífice Paulo 3.º, aprovou e definitivamente instituiu a Ordem inaciana, inspirada no santo propósito de seu fundador: de observar os

ensinamentos do Cristo ou melhor, seguir sempre em companhia de Jesus.

A milícia dos filhos de S. Inácio, aumentada e desenvolvida como por milagre da graça divina, atirou-se às mais temerárias emprêsas, ao oriente e ao ocidente da Europa e aos povos mais afastados no mundo desconhecido, em missões evangélicas, enfrentando os maiores perigos da natureza agreste e da impiedade adversa, realizando nestes 400 anos, extensas descobertas, obra imensa de propagação de fé, serviço relevantíssimo á civilização e renovação dos costumes.

Particularmente para o Brasil, apenas 40 anos depois de descoberto, foi despertado o zêlo jesuítico e a primeira turma de missionários, atraída principalmente pela catequese de nossos selvícolas, chegou á Baía com Tomé de Souza, 1.<sup>o</sup> governador geral, de modo que em 1554 já existia no Brasil, legitimamente constituída, uma provincia da Ordem.

A ação dos jesuitas na catequese dos índolas, muito mais que a dos governadores e colonos, foi proveitosa aos interesses da religião e do país. Relembro apenas os nomes veneráveis e imortais dos padres Manuel da Nóbrega, Luiz da Grã, Leonardo Nunes, Aspilcuêta Navarro, Afonso Braz, Fernão Cardim, Inácio de Azevêdo, João Fernandes, Bartolomeu Simões, com justiça homenageados hoje pelos rincões do país, onde viveram, trabalharam e sofreram como anjos da guarda pela formação da nacionalidade.

Poupando vossa atenção, quero destacar apenas o expoente de virtudes, o meigo padre José de Anchieta, o santo, chegado ao Brasil em 1553 que muitas vezes afrontou a fome, a nudez, as doenças e a morte na pacificação e doutrinação dos índios e em sua missão evangélica na selva selvagem. A destemerosa resolução de ficar como refém durante três meses com os índios reunidos em Iperoig, até que fosse assinada a paz, —



"entre homens feras e mulheres nuas", — na frase de Simão de Vasconcelos, é um raro exemplo de amor, altruismo, abnegação e confiança em si mesmo. Servo de Deus, era invencível na bondade e infatigável no ministério. Ilustrado, conhecedor da língua brasílica, envergadura de mestre e educador, poeta e botânico, era, sobretudo, amigo da terra que êle chamava "minha boa terra", como chamava ternamente aos índios "meus filhos". Morreu resignadamente, a 9 de Julho de 1597, ao cair da tarde, em sua humilde cela junto á igreja que construíra em Rerigtibá, depois Lanevente e hoje cidade de Anchieta. Seu corpo, carregado pelos índios em pranto e romaria comovente, foi conduzido pela praia durante 3 dias, com cruz alçada, para ser sepultado em Vitória, capital da Capitania. Pelos prodígios que operou, foi proclamado — apóstolo do Brasil, — do mesmo modo que S. Paulo, mereceu a honra de ser chamado — apóstolo dos gentios.

Nos primeiros tempos da colonisação, os padres da Companhia ajudaram a fundação das cidades do Salvador, Rio de Janeiro, Olinda, e eles mesmos foram fundadores de S. Paulo, Vitória, Fortaleza, notando-se que, em tôdas, levantavam os primeiros templos, e organisavam as primeiras escolas e colégios.

Foi a de maior preponderância, a ação dos padres da Companhia na Capitania e depois Estado do Maranhão, denominação que compreendia o território de todo o setentrião brasileiro, até os limites de Pernambuco, numa extensão de mais de 400 léguas.

Os precursores do movimento colonizador na Capitania, foram os jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira, ambos mártires do Maranhão. Em 1608, empreenderam a missão, partindo de Pernambuco em um barco de sal para Jaguaribe, de onde seguiram por terra, a pé, e alcançaram a serra de Ibiapaba. Neste ponto, foi o padre Pinto barbaramente assassinado pelos Tacarijús,

cônseguindo o Pe. Figueira regressar e organizar outra expedição, com a qual chegou à ilha de S. Luiz. Mais tarde, ao salvar-se de um naufrágio, caiu em poder dos Aruans, na ilha de Marajó, que o devoraram e aos seus companheiros.

Estiveram no Maranhão, empenhados no desbravamento da terra e civilização dos naturais, os jesuitas Luiz Figueira, Manuel Gomes, Diogo Nunes, Benedito Amodei, Francisco Pires, José Moraes, Francisco Veloso, Lopo de Couto, João Betendorf, Gabriel Malagrida e alguns outros, que todos tiveram de sustentar luta e adversidade dos colonizadores gananciosos, que pretendiam reduzir os índios ao cativeiro.

Depois de bem conhecida a ilha de S. Luiz, organizaram os valorosos irmãos de Loiola, entradas e explorações ao continente, subindo pelos rios Itapecurú, Meaurim e Pinaré, na faina de fazer a descida dos índios e chamá-los à civilização, o que sempre conseguiam, captando-lhes a estima e a confiança e sendo obedecidos a tal ponto, que, durante a saída forçada dos missionários inacianos, regressaram todos a suas tabas e imploravam o regresso dos bondosos catequistas.

A primeira igreja de S. Luiz, fai a dos jesuitas, dedicada a N. S. da Luz, e o primeiro colégio, foi também o que organizaram e teve tamanha prosperidade e conceito que chegou a receber alunos vindos de Lisbôa.

Conhecidos os rios que desaguam no gôlfo maranhense empreenderam a exploração do litoral do norte, e o devassamento dos rios Amazonas, Tocantins, Xingú e Madeira.

Já a esse tempo, com a morte cruel do Pe. Figueira, vlêra, em 1653, como superior da missão, o Pe. Antonio Vieira, que pessoalmente acompanhou muitos conhecimentos e perigosas viagens ao desconhecido, inclusive uma estrada por terra, de São Luiz a Belém.

Não se compreende como se consolidou o senti-



mento nacional e patriótico no Brasil, sem aferição ca-  
tequética das fontes em que se congraçaram indígenas e  
alienígenas, na unidade dos sentimentos de fé, de fide-  
lidade e de amor à gleba.

Naquêlé tempo, divulgou-se na Europa o ditado :  
“*além do equadôr não existe pecado*”, como se a linha  
equinocial fôsse o limite entre a virtude e vício. Essa  
propaganda nefasta, guiou para o Brasil, já de antes  
transformado em couto oficial de degredados, uma léva  
de aventureiros, corrompidos, desordeiros, criminosos e  
desclassificados de tôda sorte, um verdadeiro refugio ou  
escória social da população do outro lado do Atlântico.  
E' bem de vêr que a semelhante elemento de coloniza-  
ção, vultoso talvez em quantidade, porém mínguado em  
qualidade, faltavam predicados nobres e desejáveis na  
formação da sociedade, que só muito lentamente se fo-  
ram selecionando, na próle advinda desse agrupamento.

No meio social de antanho, assim deficiente, os  
jesuitas foram vanguardeiros infatigáveis, pela palavra,  
pela ação e pelo exemplo, em tôdas as iniciativas para  
a paz e o bem geral, educação do povo e progresso da  
nacionalidade.

Desde as primeiras expedições portuguesas, explora-  
tórias da terra virgem, e que estabeleceram primeiros en-  
tendimentos com os selvagens, foram os padres da Com-  
panhia, que forneceram os primitivos roteiros à civili-  
zação, com informações sôbre a fertilidade do sólo, que  
logo consideraram *vasto paraíso*. E é de notar o exem-  
plo e desprendimento com que os inacianos pediam para  
vir prestar serviços na missão do Maranhão. A coragem  
destemerosa de Antonio Vieira, desesperada de poder  
prosseguir na missão do Japão, assim se empenhava, em  
carta ao Provincial, em 1652:

Um punhado de farinha e um carangueijo,  
nunca nos pôde faltar no Brasil, e, enquanto  
lá houver algodão e tujucos, nunca nos falta-

rá de que fazer uma roupêta da Companhia... não faltarão particulares que nos ajudem com suas esmolas e, quando não hajam, resolver-me-ei a imprimir os borrões dos meus papellinhos, que o mundo se tem enganado com êles. Palavras admiráveis de dedicação e humildade, quasi in-críveis que pudessem ser escritas, com sacrificio da vida anterior de um homem admirado como grande teólogo, diplomata, estadista, pregador emérito, válido da Côrte e íntimo conselheiro de El-Rei D. João IV" !

Chegando ao Maranhão logo informava: "Não há aqui quem instrúa, mas há todos que escravizam". Neste Estado Vieira foi realmente missionário bondoso e exemplar; dentro em pouco falava e doutrinava em diversos dialetos dos aborígenes, acompanhava todas as expedições, estimulava qualquer idéla ou cometimento nobre e (lembramos sempre) propugnou pela fundação da Santa Casa de Misericórdia, a quem ofertou o primeiro leito: o seu, passando a dormir em uma esteira.

Depois de ter experimentado as agruras do apostolado e os martírios do desconhecido, informava deste modo a El-Rei:

... estas terras não são como as da India ou Japão, onde os religiosos vão de cidade em cidade, mas tudo são brenhas sem caminho, cheias de mil perigos, e rios de difficulosissima navegação, pelos quais os missionários não hão de ir nadando, senão em canôas, e estas muitas e bem armadas, por causa dos bárbaros, e estas canôas, e os mantimentos para êles, e os remeiros e os guias, e os principais defensores tudo são índios, e tudo é dos índios...

Oprimido e malquisto pelos dominadores gananciosos, que lhe procuravam desnaturar as intenções, assim se expressava Vieira, em 1655, em Lisboa, no seu sermão da Sexagésima:



Tudo isso padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão, de doze anos a esta parte. Hôuve missionários afogados, porque uns se afogaram na bôca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aruans; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada do Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias, perdido nas brenhas, matou somente a sêde com o orvalho que lambia das folhas. E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pizados e perseguidos dos homens?

Informações cheias de verdade! Os religiosos, afeitos ao sacrifício, ao jejum, à frugalidade, enfrentavam por terra, descalços, famintos, com a roupêta rasgada, às vezes tiritantes de frio e de febre, a floresta inextricável, cipoais emaranhados, charnécas bravias, transpondo charcos, alagadiços e correntes de que não sabiam o vau. Além do desconforto, o perigo da viagem e o receio pela dedicação do companheiro indio...

Entretanto a renúncia de Vieira ao bem-estar terreno e a humildade de sua roupêta de algodão, remendada, mais parda que prêta, nunca lhe tolheram a altivez e a ação desassombrada, e se algumas vezes, por amor á paz ou acatamento á autoridade régia, concordou e contemporizou com exigências dos dominadores, fê-lo como quem se sujeita a ter um espinho na própria carne.

Em seus admiráveis sermões, evangelizando, dominava sempre os ouvintes com o pêso dos argumentos e sua palavra incisiva — ora cartel de desafio, ora rebate de hostilidade — era como a lança carbonizada e ensanguentada, que os antigos romanos arremessavam ao território inimigo. Frequentes vezes o pensamento

velado do tribuno ardoroso envolvia propósito ferino, como flôres que escondem farpas.

Os jesuitas, no Maranhão como em todo o Brasil, não foram somente soldados de Cristo e conquistadores de almas, foram grandes obreiros na formação dos sentimentos do povo, foram árbitros respeitados, conselheiros e orientadores, amaram estremecidamente o país e cooperaram na organização da pátria brasileira, desde o território, á lingua e á nacionalidade. Dizei vós, meus senhores, quem é mais amigo do país: os que defendem os filhos da terra ou os que pretendem escravisá-los?

Sem o concurso dos escritores jesuitas teria ficado, em longo período, desconhecida a historia do Maranhão.

Alfabetizando e ensinando officios e artes aos indigenas, instruindo e educando gerações sucessivas de maranhenses, foram os jesuitas, vamos confessá-lo, que aparelharam o cabedal de sabedoria da Atenas brasileira, deixando sempre iluminados os caminhos que percorriam e os mais leves traços de suas lições.

Muito padeceram entre nós os padres da Companhia, mas padeceram com lástima dos bons, o que é bem melhor que triunfar com aplauso dos máus.

Sêneca definia o tempo "sepultura de todas as cousas", quando a glória é o sol dos mortos e circunflue como os liquidos. A memória imperitura dos predestinados e bemfeitores da humanidade difunde claridade e fulgores, inapagáveis porque elles são contemporaneos do futuro e a personalidade moral sobrevive á individualidade física.

Nós, que neste século desfrutamos a efêmera felicidade terrena, fugaz e perecível, agora que a voz da historia abafou possiveis ressaibos de paixão ou de magua, proclamemos bem alto a gratidão respeitosa e muito reverente dos maranhenses aos filhos de S. Inácio, não somente batalhadores da fé, defensores dos oprimidos, irmãos dos soffredores, inflamados no fogo da caridade,



mas aos semeadores de luz, operários do porvir, que plasmaram nas diretrizes morais da mocidade brasileira, de par com os ensinamentos cristãos, o conjunto de elementos de formação espiritual que são garantia do êxito na luta e no trabalho e o escudo de defesa nos embates da vida.

Ação patriótica e de benemerancia, intimamente ligada á nossa historia e ao nosso passado e que continuará conosco em demanda do futuro e PARA MAIOR GLO'RIA DE DEUS.

Artur de Souza  
Rabut



A' trindade  
augusta-Vieira, Nobrega  
e Anchieta



*Missionarios do Bem ! Vencestes com ardor,  
Neste grande Brasil, neste imenso país,  
Onde a vossa missão, toda de Paz e Amôr,  
Vicejou e cresceu e foi muito feliz !*

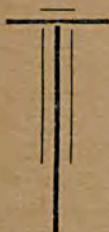
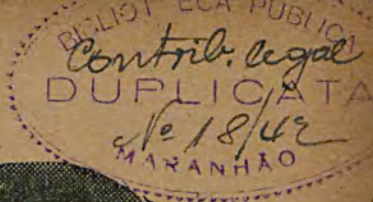
*A escravidão vermêlha, era a força motriz !  
E a ambição do colono e todo o seu clamor,  
Não puderam deter a firme diretriz,  
Que vinhais de imprimir a todo êsse labor !*

*Mesmo com impecilho e muitas dissensões,  
O vosso Apostolado era bello e sublime,  
Sujeito, no entretanto, a duras provações...*

*E no afan de lutar em conquista dos Céus,  
Vendo o povo sofrer, sob o jugo que oprime,  
Quizêstes combater, para glória de Deus !*



Dr. Alcemiro Saint-Clair



Distinguido com honroso convite da Comissão Promotora das Comemorações do Quarto Centenario da Fundação da Companhia de Jesus, no Maranhão, — á frente da qual sobresai a figura inconfundivel desse maranhense ilustre, que é Leopoldino Lisboa — para falar na Radio Difusora Maranhense, sobre a obra dos Jesuitas no Brasil, foi com sincero desvanecimento que aceitei a tarefa, certo de que, si os meus dotes intellectuais não permitiam produzir uma peça magistral, que passasse á posteridade, pelos altos conceitos, porventura, nela emitidos, pelo menos o cunho de sinceridade, oriundo da boa vontade em ser útil aos meus irmãos de crença, e a nítida compreensão dos fatos historicos, pela leitura constante das boas obras, em que seria a

palestra vasada, me absolveriam, perante os meus patrios, do arrojo do cometimento.

Decerto. Não conheço afoiteza maior. Ha alguns mēses, apenas, hóspede desta magnifica terra, ainda não integrado, por isso mesmo, no seio da coletividade maranhense, somente a bondade inexcedivel dos componentes da ilustrada Comissão, poderia me impelir á ousadia tamanha.

Conto, porém, com a decantada gentileza dos filhos da maravilhosa Atenas Brasileira.

\* \* \*

Iniciara-se o ano de 1540, em meio uma atmosfera quasi irrespiravel para o cristianismo, em consequencia da indisciplina provocada no seio do pontificado romano, pela ação de Lutero, anos atrás, rompendo com o Vaticano, protestando contra as indulgencias, se insurgindo contra os postulados sagrados da Igreja de Cristo, e, finalmente, se intitulado chefe da Reforma Religiosa, iniciada no coração da Alemanha.

Portugal chegára, no limiar desse século, o XVI, ao apogeu de suas glorias.

Descobrira-se o Brasil e os aventureiros, de todos os quilates, procuravam a nova patria luzitana, encontrada por Cabral, a fim de, nela, localizar as fontes auríferas de suas ambições. E, para maior probabilidade de êxito facil de suas emprêsas, arrebanhavam negros da Africa, para o Novo Mundo, e os punham em promiscuidade com os indigenas, escravizando estes, também, e empregando-os nos trabalhos mais duros, para maior apaioamento de haveres e esbanjamento, empós, nos atos de libertinagem e depravação, a que se entregavam, nas horas de lazer.

Foi quando Inacio de Loiola, já venerado como um santo, em ocasião que se sentira em extase, escreveu, sob ditado da Virgem Santissima, os postulados de uma nova organização eclesiastica, que viria pôr termo



aos desmandos e imoralidades, que avassalavam o mundo, reintegrando-o no ritmo natural da moral e da justiça.

E surgiu, então, sob esses auspícios, aos 27 de Setembro de 1540, a Companhia de Jesus, iniciando, de logo, a obra altamente evangelizadora, na Índia, nas Américas e, em especial, no Brasil, pela palavra douda, eloquente, vibrante dos filhos do grande Loiola, propagando a fé, destemerosamente, no meio das populações incultas e ferocíssimas das terras descobertas e conquistando as almas indígenas para o amor e a glória de Deus, formando uma civilização no Mundo Novo.

E a obra dos padres de Jesus foi extensa e salutar.

OTTO RANKE, num dos seus livros, descreve-a nesta frase de alto conceito: — “A conquista transformou-se em missão, a missão em civilização”.

E LUCIO D'AZEVEDO, que, por vezes, não olhava os jesuitas, com bons olhos — segundo conceito emitido pelo PADRE MANOEL NARCISO MARTINS, tradutor da obra “JESUITAS DO BRASIL E DA ÍNDIA”, da autoria de José Caeiro, — não vacilou em afirmar, em a sua obra “Os JESUITAS NO GRÃO-PARÁ”, que “todas as ordens religiosas coooperaram nesta empresa capital da sociedade moderna; a nenhuma, porém, foi dado exceder, nem mesmo igualar, a Companhia de Jesus”.

Na Europa, mesma, os filhos de Inácio pontificaram. No seio da própria Alemanha, de Lutero, chegaram a penetrar e, lá dentro, firmar as bases do seu pontificado.

Passaram a ser conhecidos como os restauradores dos estudos, especialmente do de humanidades.

No Novo Mundo, porém, tiveram o seu mais acenhuado trabalho, esses homens fortes e vontadosos da Companhia. Missionários, colonos, lavradores, artifices, mestres, historiadores, geógrafos, estadistas, devassaram toda a extensão territorial da sul-américa, penetrando

as mais escondidas e intrincadas solidões, desde os campos vastos e longínquos do Paraguai, até as fronteiras inhóspitas e sombrias da planície amazônica.

A chegada dos Jesuítas no Brasil foi assinalada com a vinda de Tomé de Souza, para governar a Baía, em companhia de quem veio o grande MANOEL DA NOBREGA, em 29 de março de 1549.

De NOBREGA, o padre BALTAZAR TELES, no seu livro III, capítulo VII, n.º 5, "Cronica da Companhia de Jesus", escreveu: — "Ele era um pai mui amoroso para os pobres, e unico remedio para os desamparados, assim portuguezes, como indios; êle foi o principal que amansou e domesticou aquella gente, mais fêras que as mesmas fêras; êle os ajuntou em aldeias, êle lhes dava leis, êle os ensinava e doutrinava, e lhe tinham tão grande obediencia, que o que não podia acabar o governador por força de armas e violencia da polvora e pelouro, acabava o padre MANOEL DA NOBREGA só com a sua presença e poucas palavras".

Depois, o imortal ANCHIETA, chegado ao Brasil em 1553, onde ensinou latim, ao mesmo tempo que aprendia a lingua geral, foi presa dos tamóios, durante cujo cativoiro, que durou três mēses, compôs em latim, a Vida da Virgem Santissima, em 5.700 versos, sobre a areia — existencia referta de duras provações e incontaveis perigos de vida — que soube resistir, com verdadeiro estoicismo de santo, todos os revezes, alçando-se no coração dos brasileiros como um verdadeiro relicario de fé e caridade.

Por fim, VIEIRA, o grande ANTONIO VIEIRA, em 17 de janeiro de 1650, aqui no Maranhão, firmando o seu pontificado, nesta grande e abençoada terra da parte norte brasileira.

A historia deste grande apostolo da humanidade está tão intimamente ligada á historia do Brasil, e em especial á do Maranhão, que não podemos referir os



maiores feitos da época, sem que ressaltemos a figura de VIEIRA, o orador dos Peixes, da Igreja de Sto. Antonio, de S. Luiz.

E' que "a Companhia de Jesus começou a ser verdadeiramente poderosa na América portuguesa com o grande ANTONIO VIEIRA" — refere Lucio d'Azevedo.

Somente depois do suplicio de MALAGRIDA, ordenado pelo Marquês de Pombal, após a morte da rainha austriaca, esposa do rei de Portugal, foi que desapareceu no Brasil o poderio da Companhia.

E' que VIEIRA, com o prestigio que trouxera da Côrte, a intelligencia privilegiada, o talento formoso, a cultura poliforme, com que a Providencia o dotára, empolgou em pouco tempo, governantes e povo, conquistando-lhes as simpatias e firmando os alicerces da Companhia nesta parte abençoada do territorio do Brasil.

Teve as suas fases gloriosas o padre, mas, teve-as, tambem, repassada das mais duras provações.

E é BARROS, no seu livro V, da "*Vida do Padre Antonio Vieira*", quem no-lo afirma, transcrevendo uma carta do apostolo, escrita no Maranhão, para Lisboa, da qual destacamos este trecho:

— "Sabei, amigo, que a minha vida é esta:  
— Ando vestido de um pano grosseiro da terra, mais pardo que preto; como farinha de páu; durmo pouco; trabalho de pela manhã até a noite; gasto parte dela em me encomendar a Deus; não trato com viva creatura; não saio fóra sinão a remedio de alguma alma; choro meus pecados; faço que os outros chorem os seus; e o tempo que me sobeja destas occupa-  
ções levam-no o livro da Madre Sta. Tereza, e outros, de semelhante leitura.

"Mas, o que é certo é que além do trabalho do pulpito, do confessorio e da catequese,

ocupava-se, também, o imortal VIEIRA, em trabalhos muito mais rudes. Até cozinrava”.

• • •

A Trindade magnifica que deu ao Brasil-colônia o maior esforço cristão e o mais nobre sacrificio humano na colonização da nova terra foi constituída por esses santos varões: — NOBREGA, ANCHIETA e VIEIRA — exemplo de tenacidade, resignação e cultura da raça.

Ha um outro nome, porém, que não póde deixar de ser evocado nestas comemorações: é o do Padre FRANCISCO PINTO, que, empreendendo, com outros companheiros, uma viagem, em 1607, a pé, do Rio Grande, na tentativa de descobrir o Maranhão, através da serra da Ibiapaba, “serra de difficil ingresso pela banda em que fica a costa, e a terra fecunda de tudo em que nela se planta... Tem belos ares ainda que no inverno mais frios: muito bom clima e névoas como em Portugal”, segundo o Padre JOSE DE MORAIS, no capitulo III, do seu livro *“Historia da Companhia de Jesus na extinta Provincia do Maranhão e Pará”*, veio a morrer, martirisado pelos indios, tinjindo, assim, com sangue cristão, a historia da Companhia de Jesus nestas paragens brasílicas.

• • •

Nestas horas santas, que passam, em que se comemoram os quatrocentos anos da fundação da Ordem Religiosa de Sto. Inacio de Loiola, os brasileiros catolicos, aqueles que nunca jamais deixaram de reconhecer os reais e inestimaveis serviços, que os filhos espirituais do grande Santo prestaram á patria comum, a este Brasil gigantesco e soberbo, unidos, num só pensamento, murmurando a mesma prece, volvem os olhos para o



alto é, corações elevados e enlevados, rogam á Providencia Divina, por intermedio do imortal doutor da Igreja, derrame sobre os seus filhos as mais gloriosas mésses, abençoando, tambem, este imenso, soberbo e maravilhoso país, para que os seus destinos sejam cada vez mais belos, mais amplos e luminosos, para maior gloria de Deus.

# José Ribamar Machado



Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal.  
Revmo. Repres. do Sr. Arcebispo Metropolitano  
Ilustrado Dezor. Leopoldino Lisboa.  
Dignos representantes do Cléro.  
Ilustres diretores de Colégios.  
Distintos senhores e senhoras.  
Meus jovens Colegas.

Coube a mim, o mais humilde dos estudantes da gloriosa e tradicional Atenas Brasileira, a missão sobremaneira honrosa de, neste momento de alta espiritua-



lidade e de significação forte de civismo e de homenagem ao mérito, saudar, em nome da briosa e esforçada classe estudantina maranhense, os pioneiros da abnegação e do patriotismo, que, em realidade, são os beneméritos componentes da importante Companhia de Jesus.

Diante, senhores, da incumbencia que por tão bondosa deferencia recaiu na minha pessoa, confesso me haver sentido pequenino para dela me desobrigar, considerada a valla de sua significação. Entretanto, senti em mim, como agora sinto, crepitante a chama do entusiasmo que faz avançar a juventude decidida e entusiasmada, a pró das causas nobres. Eis-me, aqui representando o espirito moço da gloriosa e magnifica terra, berço da intelligencia brasileira. E como não declarar o meu júbilo, alegria que expressa o sentimento da minha classe, se a oportunidade que aos jovens é apresentada é a de manifestar o seu preito de reconhecimento e de admiração, a quem tantos beneficios lhe tem proporcionado. Sim, meus delicados ouvintes, a mocidade não póde esquecer os trabalhos dos jesuitas nas terras do Brasil. Forem elles que possuidos do mais alto espirito de renuncia e de amor ao próximo, abriram o ciclo para a civilização do nosso grande país.

E para melhor certificarmo-nos desta verdade, basta lançarmos um olhar ás paginas gloriosas da historia patria, e encontraremos aí, as figuras venerandas e veneraveis e boas de Jesé de Anchieta, Manuel Nobrega, Antonio Vieira, Malagrita e tantos outros cujos feitos e prodigios são bastante para engrandecer uma Ordem.

O primeiro, jovem ainda, na florescencia da sua mocidade, deixa sua Patria extremecida, e vem semear a semente do bem e da compreensão nas terras dadivosas do Brasil, e, anos depois, se achava êle demonstrando a sua abnegação e o seu interêsse pela catequese dos selvícolas nas plagas longinquoas e historicas de Iperoig, servindo-se das areias brancas de suas deslumbrantes

praías, para escrever os ensinamentos que trouxeram á luz da civilização os que se achavam nas trevas da ignorância.

E quem não se lembra do monumental poema á Virgem, nessas mesmas areias por êle riscado? ..

Autor da gramatica Tupí, foi José de Anchieta, senhores, um catequista que soube se impor á admiração dos indigenas, recebendo, mui merecidamente, o titulo de "Apostolo do Brasil".

E Manuel da Nobrega, que todos nós tambem conhecemos, através de acontecimentos notáveis, ritimados pelo seu ardente zêlo e amor aos gentios, que não descançou, enquanto não viu expulso de nossa terra o estrangeiro invasor, que aos donos da terra queria impor a escravidão.

E' oportuno lembrar as palavras extensivas a êle do protestante Southey:

"Não ha ninguem a cujo talento dêva o Brasil tantos e tão permanentes serviços".

Foi, portanto, vulto de grande relêvo nos primeiros tempos do Brasil.

Intimamente ligado ao Maranhão se encontra a figura por todos os titulos merecedôra de reconhecimento de todos nós — Antonio Vieira: Educador emérito, evangelisadôr admiravel, grande expoente de intellectualidade, a terra maranhense registra em letrãs de ouro, nos faustos de sua história, os serviços por êle prestados. Orador sacro, de recursos largos, os seus discursos aí estão, como manancial de onde brotaram, brilhantes, os lapidados cristais, dos mais belos vocabulos da escorreita construção da lingua portugûesa.

Meus senhores e minhas senhoras.

Nobrega, Anchieta e Vieira, foram estrelas cintilantes da constelação universal, dos espiritos puros e de coração, estrelas que continuam a dardejar os seus lampejos, guiando-nos para o caminho do Bem, do Amor e



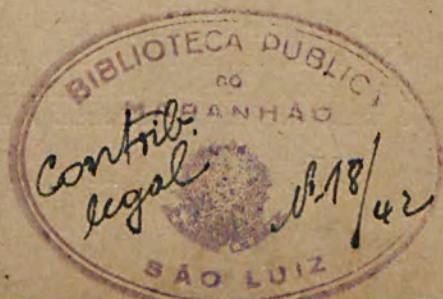
da Perfeição. Rendamos a eles as nossas homenagens, a gratidão e o reconhecimento de todos os estudantes do Maranhão.

E assim fazendo, prestamos o nosso culto de sinceridade e de admiração á digna e benemérita Companhia de Jesus.

# João Francisco de Carvalho



*Tesoureiro da Comissão do 4.<sup>o</sup> Centenario  
dos Jesuitas e elemento de destaque nos  
meios religiosos de S. Luiz*

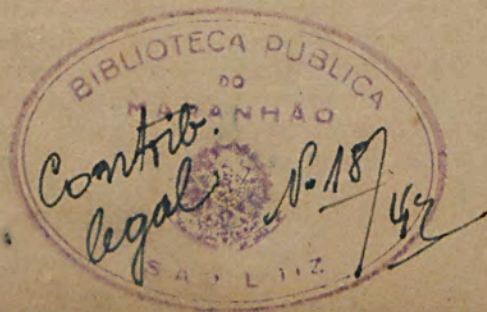






A Comissão, infra assinada, tem a subida honra de agradecer às Exmas. autoridades o apoio prestado às festas comemorativas do 4.º centenário da Companhia de Jesus, especialmente á P. R. J.-9, Radio Difusôra do Maranhão, que irradiou a sessão realizada no Lítéro Lítéro Recreativo Português, o que muito contribuiu para maior brilho da solenidade.

*Des. Leopoldino do Rêgo Lisboa* — Presidente  
*Farmco. Artur de Souza Rabut* — Secretário  
*João Francisco de Carvalho* — Tesoureiro





1941  
Empresa Gráfica "TRIBUNA" Ltda.  
MARANHÃO

SÃO LUIZ  
DO  
MARANHÃO



BIBLIOTECA